

APRESENTAÇÃO

O PRIMEIRO NÚMERO DA REVISTA *Caracol* focaliza a tradução literária entre o Brasil e países hispano-falantes, abrindo espaço também para as relações (inter)linguísticas entre o português brasileiro e o espanhol/castelhano, da perspectiva de sua exploração por um poeta argentino radicado no Brasil e das ressonâncias (poéticas) de uma língua na outra, no contato intercultural e no cenário de ensino/aprendizagem dos falantes de uma língua pelos falantes da outra, no Cone Sul. O volume reúne um conto em português e sua tradução para o espanhol, um ensaio, artigos, entrevistas e uma seção final de resenhas.

O escritor manauense, arquiteto e professor de literatura, Milton Hatoum nos presenteia com um conto inédito, a convite da *Caracol*. Nas “Margens secas da cidade”, o tempo silencia o diálogo mágico do fauno da floresta com a Manaus da infância, à medida em que se expande a aspereza da cidade.

A noção de terra sem fronteiras é presente para quem nasce na Amazônia, explicava Hatoum em entrevista, “porque é um horizonte vastíssimo, em que as línguas portuguesa e espanhola se interpenetram em algumas regiões, onde as nações indígenas também são bilíngues, às vezes políglotas (índios que falam tucano, espanhol, português...)”... Onde também se ouve falar um certo oriente, como o da família libanesa do escritor. E logo essa Amazônia passa a falar em castelhano, na tradução “Márgenes secas de la ciudad”, por Adriana Kanzepolsky, tradutora de outras obras do autor.

O leitor então pode seguir viagem e ver, pelas lentes do ensaio de Luis Guzmán, que “El Sertón está en todas partes”, menos por qualquer realismo mágico da imagem que pela potência do estilo. É a importância que atribui à *lengua endiablada* de Guimarães que faz o entusiasmo de Luis Guzmán pender, não para a primeira tradução ao castelhano por Ángel Crespo, mas em favor do *Gran Sertón: Veredas* de Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar, tradutores que, nas palavras de Guzmán, apostam no estilo, situando-se na “fatalidade da língua”. Ilustrado por trechos desta última tradução, o sertão mineiro de Guimarães e suas veredas são explicados

por Guzmán, em castelhano, em suas especificidades linguísticas e culturais. “Hay escritores que han fundado un territorio”, antecipava o autor do ensaio, antes de revelar a sentença do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos, confidenciada em algum café argentino da *calle* Corrientes: “Guimarães es el más grande”. Esse Guimarães que edifica no estilo um território internacional para o *Sertón*.

As traduções de escritores hispano-americanos por Haroldo de Campos são tema do artigo “Afinidades eletivas: Haroldo de Campos traduz os hispano-americanos”, de Gênese Andrade. O texto revela um Haroldo de Campos profundamente interessado pela literatura da América Hispânica, que manteve intercâmbio com vinte escritores e ensaístas hispano-americanos seus contemporâneos, intercâmbio registrado em ensaios, cartas e traduções. Tendo sido apenas uma das línguas das quais Haroldo traduziu, o espanhol ocupa, no entanto, um lugar de destaque dentro de sua obra. Foram doze os escritores hispano-americanos traduzidos por ele, entre os quais a pesquisadora seleciona os cubanos José Lezama Lima e Severo Sarduy, o mexicano Octavio Paz e o argentino Julio Cortázar. O artigo discute como esses trabalhos de tradução se inserem na obra crítica e criativa de Haroldo de Campos. Considera também o papel de Haroldo na recepção que os quatro escritores hispano-americanos tiveram no Brasil, já que o poeta concreto não apenas traduziu, mas também impulsionou, de outras formas, a publicação de obras desses autores no país, por exemplo, organizando edições pioneiras e indicando tradutores. Esse Haroldo de Campos que deu uma importante contribuição para a divulgação de grandes escritores hispano-americanos no Brasil, dizia não se considerar um tradutor profissional, mas dedicar-se, como poeta, à tradução de poetas que lhe interessavam, guiado por afinidades de natureza crítico-estética.

“Andanzas póstumas: Machado de Assis en español” trata das traduções, na Hispano-América e na Espanha, do escritor brasileiro que talvez tenha sido também um dos maiores escritores da literatura mundial, na visão do autor do texto, Carlos Espinosa Domínguez. O artigo apresenta um rico levantamento das

traduções para o castelhano de romances e contos de Machado de Assis, indicando as editoras que os publicaram, data de publicação, tradutores. Os dados oferecidos são então analisados: foi traduzido para o espanhol o núcleo essencial da narrativa machadiana; foram editados os cinco romances que correspondem à obra de maturidade; as traduções de contos em antologias oferecem apenas uma visão limitada dos contos de Machado de Assis. Nenhum tradutor especializou-se na tradução desse escritor para o castelhano. Apenas dois de seus tradutores têm longa trajetória no campo da tradução de literatura em língua portuguesa. A divulgação é precária: lançadas por pequenas editoras, as traduções raramente estão disponíveis nas estantes das livrarias. Injusta desproporção entre a qualidade literária da ampla obra machadiana e sua escassa circulação em traduções para a língua espanhola e para outras línguas em geral. Ironicamente, aponta Carlos Espinosa, o Machado de Assis que dissera que o céu estava aberto a todos os idiomas, torna-se exemplo de que o reconhecimento internacional do gênio literário se vê afetado pelo país de origem e idioma do escritor. E cita Antonio Candido: “a imortalidade literária é diretamente proporcional à origem do narrador”.

Em “La lección *do Néstor*”, Pablo Gasparini interpreta, da perspectiva da experiência do deslocamento linguístico, a língua de *entremeio*, o “portunhol” explorado esteticamente pelo argentino Néstor Perlongher, no Brasil, em relação com as produções literárias de três outros escritores argentinos radicados no exterior – Copi, Héctor Bianciotti, Juan Rodolfo Wilcock –, que incorporaram literariamente a língua do país para onde migraram, de diferentes formas. Bianciotti e Wilcock, com suas produções literárias em francês e italiano (respectivamente), são vinculados por Gasparini a um imaginário de “língua clássica”, permeado da nostalgia mítica de um francês e um italiano puros e livres da história presente que “contamina” as línguas com estrangeirismos e marcas dialetais. Em contrapartida, Copi convoca uma “leitura fronteiriça”, desterritorializa a língua, escrevendo num francês transgressor, com supostas interferências de uruguaios,

no jogo especular de um narrador francês que fala a partir do Uruguai. Perlongher leva a experiência da língua “pela metade” ao extremo, num portunhol situado no território escorregadio do *entre*, “mais que na limpa plenitude de uma língua determinada”. Lê-se na atitude de Copi e Perlongher uma aposta na “impureza” e na “contaminação” linguística, a sugerir um sentimento de impossibilidade de controlar os sentidos e, em última instância, a própria identidade. Os modelos tradutórios opostos das *belles infidèles* e da recriação de Haroldo de Campos são propostos por Gasparini como paradigmáticos das atitudes linguísticas desses argentinos emigrados. A *belle infidèle* quer anular a maldição babilônica, colonizando o texto de origem com a pureza da língua meta, por meio da mímese e da transparência. A recriação sugere que a restituição completa é impossível, expõe o estranhamento da tradução, chegando a desnaturalizar a língua para a qual se está traduzindo, e com isso mina a própria noção de identidade. Os textos escritos em “exemplar” francês e italiano por Bianciotti e Wilcock pareceriam ser suas próprias traduções e convocar traduções no modelo das *belles infidèles*. Em contraponto, não pareceria possível aplicar outro modelo de tradução à obra de Perlongher que não o da recriação, adotado por Josely Vianna.

Uma perspectiva (inter)linguística é a de María Teresa Celada, em “*Entremeio español/portugués – errar, deseo, devenir*”. O artigo propõe uma reflexão sobre as relações entre o espanhol e o português no Cone Sul, a partir da posição de um sujeito “errante”, argentino ou brasileiro, que se aproxima de uma língua estrangeira marcada pela (des)continuidade com relação à sua língua materna, e por projeções imaginárias sobre essa outra língua e sobre o “outro” que nela enuncia. A relação entre essas duas línguas é formulada como a de um “jogo (angustiante) de um espelho frente a outro”, que expõe o sujeito ao equívoco promovido pelos efeitos de homofonia, homossemia, homografia, pela memória discursiva de uma língua inscrita na outra. Investigando, por meio de questionários, as antecipações imaginárias que aprendizes argentinos verbalizam com

relação ao português do Brasil, Celada constata a recorrente referência a uma “língua alegre”. A partir daí, rastreia a natureza ambivalente dessa “antecipação do gozo”, valendo-se da análise do imaginário do Brasil paradisíaco da MPB e das praias de veraneio, tal como se enuncia na paródica *La bossa nostra*, de Les Luthiers. Examina, em seguida, as inflexões que a projeção do Brasil alegre têm no enunciado “la alegría no es sólo brasileira”, no cenário da canção *Yo no quiero volverme tan loco*, de Charly García. O poema “(grades)” de Néstor Perlongher é então lido como realização (im)possível dessa antecipação do gozo, ao materializá-la num agenciamento linguístico que explora a poesia inerente à relação de polissemia e *fading* entre o português e o espanhol. A poética e gozosa língua de *entremeio* de Perlongher subverte o controle da língua gramaticalizada e artificialmente desprovida de sua heterogeneidade, reificada para atender a ideais pragmáticos de língua adotados pelo Estado e por instituições reguladoras, como a escola. O poeta “ocupa e goza o entremeio”, reafirma a “errância” tantas vezes reduzida ao “erro”. O *entremeio* de Perlongher, aponta Celada, incita a questionar a atitude que procura cobrir a própria heterogeneidade interna do espanhol, nos materiais didáticos e nas cenas escolares; incita a refletir sobre a “necessidade de não re-forçar certas formas de violência simbólica”, permitindo que o sujeito aprendiz “trabalhe sua posição de estrangeiro dessa língua na contramão do efeito de homogeneidade”, da coisificação em que a língua está (sub)metida.

Considerando a importância do tema da tradução literária dentro deste primeiro dossiê da *Caracol*, quisemos abrir espaço às vozes dos editores, àqueles que decidem como e o quê traduzir em determinado momento e lugar. Para saber um pouco sobre as políticas editoriais que norteiam a publicação de títulos em espanhol, no Brasil, perguntamos sobre os critérios que definem quais autores interessa traduzir, que tradutores se prefere convocar, em que medida interferem os interesses econômicos das grandes editoras internacionais, que lugar ocupa a literatura em língua espanhola dentro de seus catálogos gerais. Dentre as editoras

brasileiras que mais sistematicamente têm traduzido literatura em língua espanhola, contactamos cinco: Amauta, Companhia das Letras, Cosac & Naify, Iluminuras e Perspectiva, cujos diretores, Marcelo Barbao, Maria Emília Bender, Augusto Massi, Samuel León e Jacob Guinsburg, respectivamente, se dispuseram a responder com amabilidade e presteza às perguntas feitas pela *Caracol*.

A título de contraponto final, incluímos nesta seção de entrevistas o depoimento de grande interesse histórico feito pelo mineiro Eugênio Amado, tradutor do espanhol e também de outros idiomas. Conhecedor da iniciativa da editora José Olympio, que lançou, em 1942, a primeira tradução de *Dom Quixote* no Brasil, realizada por seu pai, Milton Amado, e por Almir de Andrade, Eugênio Amado realizaria ele próprio, anos mais tarde, duas traduções da obra cervantina, para a editora Itatiaia (atual Villa Rica), em 1983 e em 2005. Amado fala do importante trabalho do pai e de sua própria atividade como tradutor da obra de Cervantes. Agradecemos as colaborações de Gênese Andrade e Silvia Cobelo na seção de entrevistas.

A seção de resenhas fecha este primeiro volume da *Caracol*. Das seis resenhas que a integram, quatro são de publicações relacionadas à Literatura Hispano-Americana e duas, à Literatura Espanhola. Contribuem nesta seção Márcia Romero Marçal, André Fiorussi, Wilson Alves Bezerra, Elena Palmero González, Rosangela Schardong e Lavinia Silveiras, nesta ordem.

Com o foco temático escolhido para este primeiro número, a revista *Caracol* almeja contribuir para um panorama abrangente, que nos falta, das traduções literárias e das relações interculturais entre os países hispano-falantes e o Brasil. Entendemos que uma visão de conjunto demandará ainda um considerável esforço coletivo de pesquisa. O mapa desse vasto (inter)território permanece projetado num tempo futuro, precisará ser desenhado por muitas mãos.

Conselho Editorial

São Paulo, abril de 2010